



PERSPECTIVAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 8, Nº 3, 2023, P. 196-206
ISSN: 2448-2390

O medo como marca da tirania no *De Clementia* de Sêneca

Fear as a mark of tyranny in Seneca's *De Clementia*

DOI: 10.20873/rpv8n3-95

Taynam Santos Luz Bueno

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2416-0282>

E-mail: taynam.bueno@ichca.ufal.br

Resumo

Procura-se apontar, neste texto, o papel do medo enquanto marcador da legitimidade do *princeps*. Isto é, a partir da leitura do *De Clementia*, pretende-se demonstrar que, para Sêneca, tão distinta quanto a virtude da clemência é para o bom governante, o medo é para o tirano. Se a clemência revela a natureza racional e pacífica do governante, de modo inverso, o aparecimento do medo no corpo político revela a natureza destemperada e violenta dos tiranos. Assim, alinhado com os ensinamentos estoicos, o autor romano estabelece um conjunto de marcadores capazes de identificar, de um lado, o bom governante por suas virtudes, qualidades e pela tranquilidade e segurança de si e seu corpo político e, de outro, seu extremo oposto, mostrando que a presença do medo (tanto em si quanto no corpo político) é insígnia de governos tirânicos, levando-os à ruína assim como as paixões arrasam aqueles que as possuem.

Palavras-Chave

Sêneca. Medo. Tirania. Clemência. Paixão

Abstract

The aim of this text is to point out the role of fear as a marker of the legitimacy of the princeps. In other words, by reading *De Clementia*, the aim is to demonstrate that, for Seneca, as distinct as the virtue of clemency is for the good ruler, fear is for the tyrant. If clemency reveals the rational and peaceful nature of the ruler, conversely, the appearance of fear in the body politic reveals the unbridled and violent nature of tyrants. Thus, in line with Stoic teachings, the Roman author establishes a set of markers capable of identifying, on the one hand, the good ruler for his virtues, qualities and for the tranquillity and security of himself and his body politic and, on the other, his opposite extreme, showing that the presence of fear (both in himself and in the body politic) is an insignia of tyrannical governments, leading them to ruin just as passions ravage those who possess them.

Key words

Seneca. Fear. Tyranny. Clemency. Passion

O estatuto do medo (*metus*) e do temor (*timor*) no contexto da filosofia política proposta por Sêneca merece uma atenção maior do leitor, sobretudo quando se tem diante dos olhos o tratado endereçado ao jovem imperador Nero, o *De Clementia*. Neste texto, Sêneca propõe uma reflexão acerca do bom exercício do poder político no incipiente império romano, indicando que a legitimação e a manutenção do poder imperial são facilmente alcançadas caso o *princeps* desempenhe sua função tendo em vista os princípios da filosofia estoica. Neste sentido, o autor latino apresenta ao seu pupilo um conjunto de preceitos, exemplos e ensinamentos filosóficos no intuito de formar moralmente Nero (SÊNECA, *Cl.* 1. 7. 1), afastando-o dos vícios e desvios de uma vida entregue às paixões para, paralelamente, indicar-lhe a virtude da clemência como aquela que confirma todas as características distintivas de um excelente governante. É a clemência, portanto, a virtude principesca por excelência, marca distintiva entre um bom governante e um tirano (SÊNECA, *Cl.* 1. 19. 1 e 1. 11. 4). Quanto a isso, Sêneca não nos deixa nenhuma dúvida. Todo seu tratado exalta a *clementia* e indica-lhe seu caráter régio, conforme as citações indicadas acima apontam. No entanto, em uma leitura mais atenta do tratado e tendo em vista a doutrina estoica das paixões, um outro marcador distintivo entre governos sadios e doentes salta aos olhos do leitor. Trata-se da inserção do medo no contexto político. Vejamos, o que nos diz Sêneca na seguinte passagem:

a clemência prova a profunda diferença entre um rei e um tirano, embora nenhum dos dois esteja menos equipado em armas que o outro. Porém, um dispõe de armas das quais se serve em defesa da paz, o outro, como reprime grandes ódios por meio de grande medo, nem às próprias mãos, às quais se confiou, olha-as com segurança. (SÊNECA. *Cl.* I, 12, 3.)

Tal citação nos indica, portanto, dois pontos muito importantes e que não devem ser negligenciados. O primeiro e mais evidente, ilustra que a virtude da clemência estabelece, como já afirmado, de modo inegável e claro, a profunda diferença entre um bom e um mau príncipe, entre um rei e e um *tyrannus*. A argumentação senequiana sobre este ponto está ancorada no estoicismo e traz, como já demonstrado por muitos autores, importantes pontos da ética e da

psicologia estoica para sua corroboração¹. No entanto, não somente tal virtude realiza esta função de distinção entre bom e mau príncipe no texto senequiano pois, igualmente por meio das paixões, é possível estabelecer a distinção entre estes dois tipos opostos de governantes. Ira, medo, ódio, intemperança, marcas igualmente indelévels da instabilidade, intranquilidade e insegurança dos governos tirânicos, desde a antiguidade. O medo, neste sentido, ganha importância enquanto marcador da vocação do governo, diferenciando os virtuosos daqueles que são viciosos. Assim, tendo em vista esta particularidade do *Tratado sobre a Clemência*, nosso intuito, neste pequeno texto, é apresentar que a diferença entre tirano e o bom príncipe pode igualmente ser estabelecida por meio da paixão do medo, seja expresso no corpo político, seja na alma do próprio governante.

A filosofia estoica, desde seus primórdios, elevou a questão das paixões a importante tópico de sua doutrina. Sua principal novidade frente a discussão anterior, por exemplo sustentada por Platão, é, sem dúvida, a afirmação do caráter irracional² existente em qualquer paixão, bem como o caráter voluntário de seu aparecimento na alma (SÊNeca, *De Ira* I, 7, 4 e II,

¹ As relações entre paixões e política estão presentes na filosofia desde a antiguidade. Platão, ao pintar o tirano entregue às partes inferiores da alma é exemplo notável desta tradição (C.f. *República*). Sobre a questão da ética e das paixões (*pathê*), diversas correntes filosóficas igualmente promoveram reflexões sobre o tema. Para citar apenas alguns exemplos, novamente evocando Platão, temos sua proposta psicológica de composição e divisão da alma, em diversas passagens de seus textos, tais como na *República* (livros IV e VIII), *Timeu* (42c, 69c-d), *Fedro* (246a-256d). Aristóteles (*Ética a Nicômaco*) se debruça igualmente sobre a questão, mas são os estoicos que promovem uma discussão mais sistemática a respeito das paixões, transformando-as em ponto central de sua ética. Os estoicos, diferentemente de seus antecessores e apesar de suas diferenças internas quanto a ortodoxia da doutrina, compreendem os “movimentos emocionais como intencionais”. De acordo com Sihvola, J. E Engberg-Pedersen, T. *The Emotions in Hellenistic Philosophy*. Springer Science, 1998. posição 444: “However, since the stoics regarded the emotional movements as intentional, their analysis of the feeling component was quite different from that of Plato and Aristotle, who did not consider it as an act of choice in any ordinary sense”. Já a respeito das relações entre política e estoicismo no contexto do *De Clementia*, nosso trabalho (BUENO, 2020) discorre especialmente sobre tal questão.

² Talvez o termo mais apropriado seja a-irracional, sem razão, já que as paixões são resultado de um assentimento, este advindo da parte racional da alma. Afinal, diz Sêneca que as paixões não se instalam onde não exista razão. C.f.: SÊNeca, *De Ira*. II, 3, 4. Segundo Stobeu, os estoicos dizem que a “paixão é uma impulsão excessiva da alma que desobedece às ordens da razão; ou um movimento da alma irracional e contrário à natureza; e que todas as paixões são da competência da faculdade diretora da alma.” Mais adiante o autor afirma que, ainda de acordo com os estoicos, os termos “irracional e contrário à natureza” não utilizados em sentido comum: irracional equivale àquilo que desobedece à razão” [...] e “contrário à natureza”, no que diz respeito às paixões, significa qualquer coisa que se produz contrariamente à razão reta e natural.” *SVF* III, 378, 389. LS65A. Conferir igualmente *SVF* III, 459.

2, 2). A proposição de uma alma sem divisões internas³ e de composição totalmente racional, leva os filósofos do pórtico a defenderem sistematicamente que as paixões são aquilo que excedem a harmonia natural (C.f. BRENNAN, 2006). Isto é, sendo a parte diretora da alma estoica um todo racional, sem divisões em si, não há lugar para qualquer existência saudável de paixões no homem. Diz Diógenes Larécio que:

“Do falso resulta a perversão do pensamento, e dessa perversão resultam muitas paixões causadoras de instabilidade. A própria paixão, segundo Zênon, é um movimento da alma, irracional e contrário à natureza, ou um impulso excessivo.” (DL, VII, 110).

As paixões são necessariamente vícios, frutos do julgamento errôneo dos insensatos, doenças que, enfim, precisam ser extirpadas da alma⁴. Tal é o fato que justifica, por exemplo, o uso constante de termos médicos para tratar deste tópico estoico, muitas vezes lembrado por Cícero (*Tusc.* III, 7, 19) e Sêneca (SÊNECA, *De Ira*, I, 6, 2; II, 10). No caso específico de Sêneca, o tópico das paixões aparece bem desenvolvido em diversos de seus textos, sendo o *De Ira* uma das fontes mais importantes da discussão estoica acerca das paixões. Neste texto, o autor romano nos expõe exatamente o que compreende por uma paixão. Partindo do estudo detalhado da ira, o autor descreve minuciosamente seu mecanismo de funcionamento, seu processo de geração e seus nefastos efeitos na alma daquele que a cultiva. O romano ainda aponta as diferenças entre o que chama de prelúdio de paixões e a verdadeira paixão, bem como insiste no caráter absolutamente voluntário e racional de seu início. Sêneca nos revela com detalhes e com o rigor do sistemático pensamento estoico, que a alma, não sendo dividida e não possuindo nada mais que uma única parte racional, só pode ser afetada pelas paixões na medida em que *voluntariamente* permite, corroborando os relatos de Diógenes Laércio sobre Crisipo, por exemplo, onde o doxógrafo diz que: “os estoicos sustentam que as paixões são juízos” (DL, VII, 111)⁵. Isto é, o filósofo romano nos ilustra, tal como um médico descreveria um paciente enfermo, as modificações sintomáticas, ou melhor, psicossomáticas que são apresentadas

³ DL, VII, 110. Diógenes Laértios fala em 8 partes gerais: cinco sentidos, o órgão vocal, uma parte diretora e uma parte geradora. Falamos aqui sobretudo da parte racional diretora, *hegemonikon*. C.f. SÊNECA, *Ep.* 106.

⁴ SVF III, 391 ou LS65B

naqueles que são acometidos pelas paixões. É comum nos escritos senequianos uma descrição dos efeitos visíveis das paixões nos homens. Por exemplo, no *De Ira*, Sêneca narra com riqueza de detalhes visuais as transformações psicossomáticas que são engendradas nos homens acometidos pelas verdadeiras paixões, diferenciando reações naturais e automáticas do corpo frente aos prelúdios das paixões – reações do corpo involuntárias, daquelas advindas de um assentimento errôneo e, portanto, características de verdadeiras paixões, necessariamente voluntárias (SÊNECA, *De Ira*, II, 2, 2). Diz o autor:

“Mas deve-se dizer que as feras carecem de ira, bem como todos os seres, exceto o homem. De fato, embora ela seja inimiga da razão, no então, em parte alguma ela [a ira] nasce a não ser onde a razão tem lugar.” (SÊNECA, *De Ira*. I, 3, 4).

Do mesmo modo, Sêneca, como de costume, apresenta no *De Clementia*, assim como fizera no *De Ira*, uma descrição detalhada dos sintomas visíveis das paixões (SÊNECA, *De Ira*. I, 1, 3-6). No caso do *Tratado sobre a Clemência*, o autor romano aponta em diversas passagens os efeitos do medo, terrível paixão que, como veremos, caminha lado a lado com o poder tirânico. Se de um lado o bom (sábio e clemente) príncipe é marcado no texto senequiano enquanto alguém que a presença é agradável, que não inspira receios, ira, terror ou medo, de outro, o tirano será representado de modo diametralmente oposto e pictoricamente / plasticamente deformado, bestial e férico. Diz o autor:

“É próprio de uma grande alma ser calma e tranquila, e olhar de cima as injúrias e ofensas. Cabe à mulher perder a cabeça de raiva; mas é próprio de animais ferozes, e certamente dos de não boa raça, morder e estraçalhar as vítimas prostradas. Elefantes e leões prosseguem seu caminho por entre os que abateram; a obstinação é própria do animal ignóbil.” (SÊNECA. *Cl.* I, 5, 5)

O *princeps* ideal seria aquele que ostenta uma figura admirável, cativante, figura que todos os súditos querem defender, de modo espontâneo. O bom príncipe, assim como o sábio, diz Sêneca, “Conservará sempre a mesma aparência calma e impassível, coisa que não poderia fazer se agasalhasse a tristeza.” (SÊNECA, *Cl.* II, 5, 5). Isto é, o bom príncipe mantém a *constantia* e não permite que impulsos excessivos atormentem irracionalmente sua alma. O bom príncipe atrai para si os olhares, tal como um astro solar, como uma “estrela benfazeja e luminosa”, seu

império se assemelha a um céu sereno e brilhante (SÊNECA, *Cl. I, 7, 2*), nas palavras do próprio autor:

“Em seu espírito nada é hostil, nada é selvagem. Exerce seu poder pacífica e saudavelmente, desejando dos cidadãos a aprovação de suas ordens; considerando-se suficientemente feliz, se puder tornar a sua boa sorte pública. Afável de conversa, fácil à aproximação e ao acesso, com fisionomia que cativa sobretudo as massas, amável, propenso às petições legítimas, e apenas ríspido em relação às ilegítimas: ele é amado, defendido e respeitado pela nação inteira.” (SÊNECA, *Cl. I, 13, 4*)

Em outro trecho, Sêneca ainda nos diz:

É fundamentada e estável a grandeza daquele que todos sabem estar tanto acima como a favor deles; cuja preocupação, ao velar pela salvaguarda de cada um, em particular, e de todos, em geral, se comprova diariamente; quando ele [o príncipe clemente] se aproxima, não se dispersam todos, como se qualquer animal daninho e nocivo tivesse saltado de seu covil, mas correm apressadamente, como para uma estrela luminosa e benfazeja. (SÊNECA, *Cl. I, 3, 3*)

Ao contrário, à figura do tirano traços bestiais⁶ são acrescentados. A apresentação geral do mau governante causa medo, repulsa, evitação – sintomas claros da presença da paixão em sua alma. Diz Sêneca que, assim como homens irados modificam sua aparência (SÊNECA, *De Ira. I, 1, 3-4*), a figura do tirano revela traços que inspiram medo e terror em todos a sua volta. O príncipe cruel está sempre associado ao seu aspecto animalesco, a sua aparência repugnante. O tirano, governante que se entrega aos excessos e às paixões, afugenta todos ao seu redor e inspira-lhes terror. Pergunta Sêneca:

“Bons deuses, que maldição é esta: matar, seviciar, deleitar-se com o ruído dos grilhões, cortar as cabeças de cidadãos, derramar muito sangue por toda parte em que tiver passado e, com sua aparência, aterrorizar e afugentar?” (SÊNECA, *Cl. I, 26, 3*)

Se de um lado a virtude da clemência inspira segurança e conforto, a crueldade e os demais vícios ligados ao poder tirânico inspiram terror e medo. É como se pudéssemos

⁶ SÊNECA, *Cl. I, 13, 1*. “Ao contrário, é necessário que seus acólitos relutem com o outro rei que é feroz e sanguinário.”. Igualmente em *De Ira, II, 30, 6-7*. Para uma interessante interpretação do imaginário animal no *De Ira*, c.f. BERNO, 2021.

estabelecer pares de oposição para pensar a diferença entre o bom príncipe e o tirano, na exata medida em que se diferenciam clemência e segurança de um lado, crueldade e medo, de outro.

Nas palavras do filósofo latino:

“Mas se supõe que a crueldade é segura, como se apresentaria o reino? Não diverso da aparência das cidades capturadas e de quadros terríveis de medo público. Tudo é pesar, alarme, confusão. Os próprios prazeres são temidos. Não se vai em segurança nem a banquetes, em que a língua deve ser cuidadosamente policiada até pelos ébrios, nem a espetáculos, dos quais se investiga material para incriminar e comprometer. Embora se apresentem com grandes gastos e com opulências reais, com artistas de excelente renome, todavia a quem agradariam os jogos no cárcere? (SÊNECA. *Cl. I*, 26, 2)

O tirano descrito no *De Clementia* é aquele governante que inspira vícios no corpo político. Neste sentido, é seu comportamento apaixonado que engendrará igualmente paixões avassaladoras em seus súditos⁷. Bom príncipe e tirano se diferenciam “pelos atos, não pelos nomes” (SÊNECA, *Cl. I*, 12, 1), nos lembra Sêneca, e os atos tirânicos estão comumente associados ao medo que suscitam. Sêneca nos diz sobre esta diferença entre tirano e bom príncipe:

“Como são opostos, agem de forma oposta. Porquanto, embora seja odiado porque é *temido*, o tirano deseja ser *temido* porque é odiado, servindo-se daquela abominável máxima, que precipitou a perdição de muitos: “que me odeiem, contanto que me temam”, tendo ignorado quanta fúria engendraria, quando os rancores crescessem além da medida. De fato, um *temor moderado* [*timor temperatus*] coíbe os espíritos, mas um *temor permanente*, não só agudo, mas que leva à extremos, incita os prostrados à audácia e persuade-os a recorrer a tudo.” (SÊNECA. *Cl. I*, 12, 4)⁸

Percebemos certa gradação do filósofo para falar sobre o medo. De um pequeno temor por parte dos súditos, talvez passível de ser entendido enquanto um prelúdio de paixão

⁷ Cf. *De Ira*. III, 8, 1.

⁸ Tal passagem merece uma interpretação mais acurada, na exata medida em que pode lançar novas luzes interpretativas acerca da relação entre a influência do *De Clementia* no texto maquiavélico *O Príncipe*. Dirá Maquiavel no cap. XVII do referido texto: “Nasce daí esta questão debatida: se será melhor ser amado que temido e vice-versa. Responder-se-á que se desejaria ser uma coisa e outra; mas como é difícil reunir ao mesmo tempo as qualidades que dão aqueles resultados, é muito mais seguro ser temido que amado, quando se tenha que falhar numa das duas”. (MAQUIAVEL, *O Príncipe*. Cap. XVII. P. 76). Nas palavras de Sêneca: *Cl. I*, 12, 4: *Temperatus enim timor cohibet animos, adsiduus vero et acer et extrema admovens in audaciam iacentes excitat et omnia experiri suadet.*

(SÊNeca, *De Ira*. II, 3, 1.), um pequenino temor revelador de respeito e veneração (SÊNeca, *Cl. I*, 12, 4), passa-se, conforme seu aumento gradativo e sua exacerbada estimulação, ao terror que tudo destrói⁹. Assim, esse temor rapidamente converte-se em terror e, uma vez aterrorizados, os homens são capazes de qualquer coisa, como animais sem controle. Nas palavras do próprio Sêneca:

“Assim, com corda e pluma podes conter feras confinadas. Mas, se um cavaleiro investir sobre o dorso delas com o agulhão, elas tentarão a fuga através do próprio obstáculo que as afugentou e esmagarão o objeto de seu medo. A coragem é mais intensa quando forjada por profunda necessidade. Convém que o medo deixe alguma segurança e ofereça muito mais esperança do que perigos. De outro modo, quando perigos do mesmo teor provocam medo no homem sossegado, apetece-lhe incorrer em perigos e ir até o fim como se sua vida fosse de outra pessoa.” (SÊNeca. *Cl. I*, 12, 5)

Instigar o medo no povo não parece, em definitivo, uma ideia salutar para todo aquele que queira manter seu reinado. Enganam-se os governantes que pensam obter algum benefício do medo de seus súditos. Quanto mais amedrontados eles estão, mais anárquica é a força do corpo político. Afinal, diz Sêneca que um reinado cruel é:

“perturbado e obscurecido por trevas, não permanecendo inabalado, entre os que tremem e se apavoram com um barulho repentino, nem mesmo aquele que conturba tudo.” (SÊNeca, *Cl. I*, 7, 3).

Assim, uma vez que o corpo político é assaltado por tal paixão, seu fim está próximo. Quando existe um grande medo no povo, é a própria segurança do príncipe que se encontra abalada. Já um rei pacífico e tranquilo (SÊNeca, *Cl. I*, 13, 1) governa de modo suave, seguro e estável para si e para seus súditos. O bom governante não deve, deste modo, inspirar más paixões, sobretudo inspirar o medo e o terror, pois, do mesmo modo que um

⁹ Sobre tal questão, Guillaume de Lachapelle tem uma interessante interpretação acerca do uso particular do medo neste trecho do *De Clementia*, de certo modo contrário à doutrina estoica. C.f. LACHAPELLE, 2017. No entanto, parece que a proposta de Ermano Malaspina faz mais sentido, tendo em vista o preciosismo da interpretação de Lachapelle. C.f. igualmente MALASPINA, 2021. Nota 9, p. 235. Vale lembrar que a exposição de Diógenes Laércio sobre a paixão do medo engloba todos os vocábulos problematizados. Diz o doxógrafo: “O medo é a expectativa de um mal. Existem as seguintes espécies de medo: terror, excitação, vergonha, consternação, pânico e inquietação. O terror é o medo causador de angústia; a vergonha é o medo da desonra; a excitação é o medo diante da ação a realizar; a consternação é o medo produzido pela impressão de um acontecimento insólito; o pânico é o medo em que ocorre a elevação da voz; a inquietação é o medo provocado por um fato obscuro.” (DL, VII, 112-113).

“mestre domador perito não assusta o cavalo com excessivas chicotadas; pois ele se tornará espantadiço e rebelde, a não ser que o tenhas lisonjeado com um toque carinhoso. Um caçador faz a mesma coisa, seja treinando os filhotes de cães a seguir uma pista, seja usando-os, já adestrados, para desentocar ou perseguir feras; não os ameaça repetidamente pois isso abalará seu espírito e tudo o que é próprio de sua índole se despedaçará graças à ação confusa do medo) e não lhes concede licença de vagar e andar desordenadamente por aí. Pode-se acrescentar a estes exemplos o daquele que conduz as mulas mais indolentes, que, embora tenham nascido para o abuso e para as misérias, podem ser levadas a refugar o jugo por causa da excessiva brutalidade.” (SÊNECA. *Cl. I*, 16, 4-5)

Igualmente um bom príncipe não deve agir deste modo, caso contrário seu governo será marcado pela insegurança e infelicidade. Observa-se assim que o estatuto do medo no *De Clementia* revela outra nuance. O poder tirânico não somente engendra medo em seus súditos, como igualmente leva o medo (e a infelicidade) ao coração do próprio tirano, pois sua vida igualmente será marcada pela instabilidade e insegurança. Assim, do ponto de vista das paixões, nas palavras de Lachapelle, no *De Clementia*:

a ira e o *metus* são geralmente apresentados sob características pouco lisonjeiras, apresentadas como das duas faces inseparáveis de um poder tirânico onde a *ira* engendra o *metus* do povo, que termina por estourar em *odium* e suscitar por sua vez o *terror* do soberano. (LACHAPELLE, 2017. p.90)

Trata-se, portanto, da mesma tese defendida no *De Ira* (SÊNECA, *De Ira*, I, 1, 1), segundo a qual as paixões, mesmo que tenham como alvo outras pessoas, acabam por voltar sobre aquele mesmo que procura o mal (MALASPINA, 2021). Diz Sêneca na supracitada passagem: “Indiferente a si, desde que seja nociva a outro, ela [a ira] se arroja a seus próprios dardos e é avisa por uma vingança que há de arrastar consigo o vingador”. Assim, a vida do homem tirânico, para Sêneca, é uma vida infeliz por excelência. Nosso filósofo, talvez retomando os ensinamentos da argumentação de Sócrates contra Trasímaco na *República*, afirma que:

“o rei não tem nem mesmo o curso de sua vida assegurado, pois é necessário que tema tanto quanto quis ser temido, que observe as mãos de cada pessoa e, durante o lapso de tempo em que não for apanhado, que fique julgando ser objeto de procura e não tenha nenhum momento isento de medo.

E, indicando o triste fim da vida tirânica, pergunta:

Alguém suportaria levar uma vida assim, quando lhe é permitido ser inofensivo aos outros e, por essa razão, administrar tranquilo o salutar direito do poder para a satisfação de todos?

O tirano, isolado, inseguro e infeliz, é o mais desgraçado e mais atormentado que todos porque, nas palavras de Sêneca:

“temendo homens e deuses, testemunhas e vingadores de seus delitos, uma vez conduzido a este ponto não lhe é mais possível mudar seus hábitos. Pois a crueldade, entre outros, tem o pior de todos os defeitos: a obrigação de persistir nela; e não se lhe abre um retorno para coisas melhores, pois crimes devem ser acobertados por outros crimes. Então, quem é mais infeliz do que o homem que agora necessita ser mal?” (SÊNECA. *Cl. I*, 13, 2).

Em suma, onde há medo, há tirania. O medo, neste sentido, deve ser extirpado como qualquer paixão, uma vez que toda paixão é instável e traiçoeira (SÊNECA, *De Ira*, I, 8, 7 e II, 13, 3). O bom governante, assim como o sábio, não deve sucumbir ao medo, nem deve encorajá-lo no seio do corpo político (SÊNECA, *Ep.* 85, 9). Se o bom príncipe leva conforto e felicidade ao corpo político, o tirano, ao contrário, por meio do medo leva à infelicidade. Cabe, por fim, mais uma vez lembrar que, assim como todas as paixões, o medo gerado no corpo político também contamina e destrói aquele que o engendra; levando-o igualmente à infelicidade.

Referências bibliográficas

- ARNIM, Hans Von. *Stoici antichi, tutti i frammenti (SVF)*. Introduzione, traduzione, note e apparati a cura di Roberto Radice; presentazione di Giovanni Reale. Milano: Bompiani, 2002.
- BERNO, Francesca Romana. “*Ferarum minus taetra facies est quam hominis ira flagrantis (ira 3,4,3). L’imaginaire animal dans le De Ira de Sénèque*». In: LAURAND, Valéry; MALASPINA, Ermanno; PROST, François. *Lectures plurielles du «De ira» de Sénèque: Interprétations, contextes, enjeux*. In: Volume 399 de Beiträge zur Altertumskunde. Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1515/9783110711547-012>.
- BRENNAN, T. “Psicologia moral estoica”. In: Inwood, B. *Os Estoicos*. São Paulo: Odysseu, 2006.
- BUENO, T. S. L. “Manutenção e Legitimação do Poder em Sêneca: A Clemência como Atributo do Bom Governante”. *Revista Perspectiva Filosófica* - ISSN: 2357-9986, [S.l.], v. 47, n. 1, set. 2020. ISSN 2357-9986. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/248344>>. Acesso em: 08 maio 2022. doi: <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2020.248344>.

- FLAMERIE DE LACHAPELLE, Guillaume. “La colère et la peur dans le *De clementia* de Sénèque”, In: *Emerita* 85 (1), pp. 73-93. 2017
- INWOOD, B. *Os Estoicos*. São Paulo: Odysseu, 2006.
- LAËRTIOS, D. (DL) *Vida e obra dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 2ª Edição. Brasília: Editora UNB, 2008.
- LONG & SEDLEY. (LS). *Les philosophes hellénistiques, Tome II: Les Stoïciens*. Tradução de Jacques Brunschwig e Pierre Pellegrin. Paris: Ed. Flamarion, 2001.
- MALASPINA. “Les lectures politiques du *De ira*”. In: LAURAND, Valéry; MALASPINA, Ermanno; PROST, François. *Lectures plurielles du «De ira» de Sénèque: Interprétations, contextes, enjeux*. In: Volume 399 de Beiträge zur Altertumskunde. Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2021. pp. 233-250
- SÊNECA, L. A. *Cartas a Lucílio*. (Ep.) Trad. de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- SÊNECA, L. A. *Tratado sobre a clemência*. (Cl.). (Intr., tradução e notas de I. Braren) Petrópolis: Vozes, 1990.
- SÊNECA, L. A. *De Ira (Sobre a Ira)*. Tradução, introdução e notas de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.
- SIHVOLA, J.; ENGBERG-PEDERSEN, T. *The Emotions in Hellenistic Philosophy*. Springer Dordrecht, 1998. *E-book*. <https://doi.org/10.1007/978-94-015-9082-2>

Recebido em: 15-07-2023

Aprovado em: 17-10-2023

Taynam Santos Luz Bueno

Doutora em Filosofia (USP), atualmente Prof. Adjunta da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.